

O SERTÃO DE RIOBALDO: A FLORA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Edna Maria F. S. Nascimento*

Erasmão d'Almeida Magalhães*

RESUMO

O sertão de Riobaldo tem muitas faces. A que escolhemos para análise é a da flora. Contrastando o emprego de termos da flora, no romance, com a definição de dicionários e de livros especializados em botânica, temos como meta examinar a sua transfiguração no discurso de Riobaldo. A hipótese é de que, no uso de termos da flora, há: 1) traços de igualdade que, retomando as definições sedimentadas na cultura, fundam no discurso o efeito de veridicção; 2) traços novos, filtros do olhar do sujeito enunciador, que emprestam à flora um efeito poético.

Palavras-chave: Dicionário; Transfiguração; Flora; Sertão; Efeito poético.

Se descreveres o mundo tal qual é, não
haverá em tuas palavras senão muitas
mentiras e nenhuma verdade.
(Tolstói *apud* Rosa, 1967, p. 160)

O tempo não é um relógio – é uma escolopendra.
(A violeta é humildezinha, apesar de zigomorfa;
não se temam as difíceis palavras.)
(Rosa, 1967, p. 151)

O romance *Grande sertão: veredas*¹ é uma narrativa em primeira pessoa, onde o sujeito enunciador, no presente o fazendeiro Riobaldo, repensa o passado do jagunço Riobaldo-Tatarana, a grande travessia. A travessia acontece no espaço do sertão.² Muitos críticos, desde o lançamento dessa obra em 1956, já

* Universidade Estadual de São Paulo – Araraquara.

¹ Todas as citações serão da edição de Rosa (1968).

² Talvez seja possível indicar o sertão como dois espaços: *o material*: com vegetais de troncos e galhos retorcidos, casca espessa, onde o clima apresenta duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa, com “cerrados”, podendo surgir como áreas florestais; *o ideológico e simbólico*: região longínqua e não urbana, onde manda quem é forte (p. 17), onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar (p. 22), região com este seus vazios (p. 27), com tanta aspereza de vida (p. 190), desconhecido, O sertão nunca dá notícias (p. 232).

chamaram a atenção para o fato de que o sertão presente no romance de Guimarães Rosa é uma região múltipla e ambígua, correspondente em um plano a uma área geográfica, ocupando vasta região no interior do Brasil, e em outro, a uma realidade interior, espiritual ou psicológica, podendo ser entendida como o universo de Riobaldo. Em novembro de 1957 (p. 18), escreve Antonio Candido: “Nesta grande obra combinam-se o *mito* e o *logos*, o mundo de fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente de Riobaldo, nutrem a sua introspecção tateante e extravasam sobre o sertão”. (grifo do autor)

Quem deseja estudar no romance o sertão do ponto de vista físico se depara com rico material, verdadeiro documentário sobre essa paisagem, costumes regionais e organização socioeconômica do espaço. A área do sertão é descrita em diferentes aspectos que recriam o ambiente da região que inclui o noroeste de Minas Gerais, o sudoeste da Bahia e o sudeste de Goiás. As cenas retratadas se passam, na realidade, em se tratando de região fitogeográfica, numa subprovincia do Planalto Central onde ocorre o *cerrado típico*.

Para checar informações e adquirir conhecimentos sobre a região, Guimarães Rosa realizou duas viagens ao sertão (1945 e 1952), segundo relato de D. Maria Augusta de Camargos Rocha a Maria Célia de Moraes Leonel (1985, p. 34), anotando tudo que achava importante. Em carta ao tio Vicente, datada de Hamburgo a 3 de junho de 1939, Guimarães Rosa se descreve como uma pessoa meticulosa que armazena o material com que vai trabalhar em ocasião oportuna:

(...) adotei naturalmente o processo de acumular material e afiar as ferramentas. À espera de momentos propícios e decisivos, quando a oportunidade passa por perto e a gente tem de segurá-la com mão firme, doidamente, como um louco que se agarrasse ao rabo de um cavalo a galope. (Guimarães, 1972, p. 160)

No contato direto com papéis do escritor, sedimentados no Arquivo Guimarães Rosa,³ pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo fica também evidente a pesquisa documental que precedia à elaboração de sua obra. As suas anotações sobre flora constituem-se em listas de palavras ou verdadeiros glossários, como é exemplo o trecho de Estudos para a obra 12, denominado “Flora”, onde observamos, além dos termos listados, descrições das denominações, às vezes acompanhadas do seu nome científico. Chamamos a atenção para a marginalia *Gr. Sertão*, à mão, que sugere que o autor teria utilizado o termo (vide anexo). Na rica correspondência com a tradutora de parte de sua obra para a língua

³ O espólio de João Guimarães Rosa, organizado, sob a supervisão da Prof.^a Dra. Cecília de Lara, hoje se encontra distribuído nas seguintes séries: Originais, Estudos para a obra, Correspondência, Coleção Guimarães Rosa (Biblioteca do escritor).

inglesa, Harriet de Onís, o glossário “Árvores e plantas” (Notas sobre algumas) demonstra a mesma preocupação do autor com a precisão do termo. Não raro, ele o descreve, indica o termo científico e elabora a tradução para o inglês (vide anexo).

Manuseando o primeiro rascunho de *Grande sertão*, encontramos trechos com espaços vazios relativos a nomes de lugares, pessoas, plantas, animais. Ilustramos com exemplos os vazios preenchidos posteriormente pelo autor:

Daí, disse, em resposta: “ Joca Ramiro deu cinco conto-de-réis ao padre vigário de
Desdeixei uma rôxa no _____, que me suplicou carinhos de passagem. (...) Um
dia, na _____, êle soube, êle quase viu (...)

Esses espaços vazios também foram preenchidos no próprio primeiro rascunho:

_____ marmelo-do-mato
Rependurou o espelho no ramo de _____, acertou seu cabelo, que já estava cortado baixo.

A sobreposição de termos revela também o processo criador do autor:

_____ Martim-pescador. Gaviões
O pato-bravo, preto, topetudo. Marrequinhos dançantes. Urubús com aquele triste preto que mancha

A precisão com que Guimarães Rosa utiliza esses termos, a busca do termo exato para cada animal, planta, local, pessoa ou objeto, já há muito foi comentada pelos seus críticos. Os olhares que se debruçam sobre o sertão rosiano descobrem as suas muitas faces. A que escolhemos para análise é a da flora como construção do sertão de Riobaldo.

No livro *Rosiana*, uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa, seleção e prefácio de Paulo Rónai há, no final, uma série de depoimentos de pessoas que conviveram com Guimarães Rosa. Em uma conversa com Pedro Bloch (1983, p. 92) que comenta que ele só deveria ser lido em câmara lenta, o escritor se entusiasmou e explicou:

Você conhece meus cadernos. Quando saio montado num cavalo, pela minha Minas Gerais, vou tomando nota das coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem vôo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o vôo de cada pássaro, a cada momento. Eu não escrevo difícil. EU SEI O NOME DAS COISAS.

Retratar a sua Minas Gerais significa para o autor, não só descrever com precisão, mas denominar e definir corretamente, procedimentos que parecem explicar o comentário de Bloch *à leitura em câmara lenta*. A leitura em câmara lenta dos termos de botânica faz-nos distinguir dois mecanismos lingüísticos utilizados por Guimarães Rosa para compor o universo do sertão: a condensação e a expansão. Com esse dois mecanismos lingüísticos, Guimarães Rosa constrói o sertão onde alterna termos de botânica para compor os cerrados e as veredas.

Greimas, no capítulo “O funcionamento metalingüístico do discurso”, do livro *Semântica estrutural* reconhece esses processos de condensação e expansão como responsáveis pelo funcionamento metalingüístico do discurso. Segundo ele, a condensação consiste na propriedade das várias palavras serem comprimidas em uma unidade lexical, tendo como resultado a denominação. A expansão, por sua vez, é uma operação metalingüística que consiste em produzir, no interior do mesmo discurso, um interpretante da mensagem semanticamente equivalente ao termo a que ele se refere, ou seja, à sua denominação. Esse interpretante, por ser da ordem do discurso, é denominado por Greimas definição discursiva.

A condensação, que tem como resultado uma denominação, ocorre quando o autor emprega apenas o termo, ou seja, o cita. Essa citação do termo é denominada por Josette Rey-Debove (1978, p. 170) *autonímia*. Muitas vezes, para entendê-lo, o leitor tem de recorrer a um dicionário ou a um livro especializado, como nos exemplos abaixo as denominações de ervas, capins, plantas medicinais, arbustos e árvores em geral. Grande parte dessas denominações são *brasileirismos*:

A água do sereno me molhava, da macega,⁴ das folhas – é o que digo ao senhor, me desgostava. (p. 158)

fazendões de fazendas, almargem⁵ de vargens de bom render, (p. 9)

, que andava à minha espera com os companheiros, num papuã,⁶ matando perdises. (p. 400)

Eu jazi mole no chato, no folhiço,⁷ (p. 320)

– ramalhas e jaribaras.⁸ (p. 289)

– copos-de-leite, lágrimas-de-moça,⁹ são-josés. (p. 236)

Macambira¹⁰ das estrelas, quem te deu tantos espinhos? (p. 423)

Xique-xique¹¹ resolveu (p. 423)

⁴ Macega: Erva daninha que cresce nas pastagens. (Bariani, 1983)

⁵ Almargem: Erva para pasto; prado natural, pastagem. (Ferreira, 1975)

⁶ Papuã: (Bras.) Capim-marmelada. (Ferreira, 1975)

⁷ Folhiço: Cobertura de folhas secas sobre o chão. (Ferreira, 1975)

⁸ Jaribara: (Bras.) (Goiás) Trecho de vegetação arbusteira ou herbácea, à margem de um rio. (Ferreira, 1975)

⁹ Lágrimas-de-moça: (Bras.) Lírio-do-brejo. (Ferreira, 1975)

¹⁰ Macambira: (Bras.) Bromélia comuníssima nas regiões do semi-árido. (*Bromelia laciniosa* Mart.) (Rizzini & Mors, 1976)

¹¹ Xique-xique: (Bras.) No Nordeste, cactácea suculenta. (*Pilocereus gounellei* Weber) (Rizzini & Mors, 1976)

– a caraíba, o bate-caixa, a simaruba.¹² (p. 66)
 , boas canoas boiantes, de faveira¹³ ou tamboril,¹⁴ de imburana, vinhático¹⁵ ou cedro (p. 83)

Embora a definição dessas palavras codificadas não estejam no texto, elas têm de ser buscadas extradiscursivamente, apenas a sua citação pelo autor conota o discurso de botânica, produzindo um efeito de veridicção na composição do sertão de Riobaldo.

A citação de um termo pode ser uma denominação neológica:

Ainda melhor era o capa-rosa – porque no chão bem de baixo dela é que o Careca dança, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nem um fio de capim; e que por isso de capa-rosa-do-judeu nome toma. (p. 317)

Há registrado *caparossa* (Ferreira, 1975), que provém do catalão *caparrós* e é uma designação comum a várias espécies das famílias das enoteráceas e das gutíferas, a primeira uma erva de grandes flores amarelas e a segunda um arbusto dotado de pequenas flores. Como explica a definição discursiva, a nova denominação *capa-rosa-do-judeu* deve-se ao seguinte fato: *porque no chão bem de baixo dela é que o Careca dança*.

A autonímia pode ser dupla, exprimindo um conteúdo sinonímico que conota diferentes discursos regionais. Riobaldo introduz termos de botânica usados nas terras de onde provêm alguns personagens e chama a atenção para as diferenças vocabulares:

E foi aí que Veraldo, que era do Serro-Frio, reconheceu uma planta, que se chamasse guia-torto, se certo suponho, mas que se chamava candeia¹⁶ na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore, ela aí ia ardendo luminosa, clara, feito uma tocha. (p. 401)

Pode ocorrer também a citação direta, por um personagem, da nomenclatura popular. No exemplo a seguir, é o Alaripe que constata a diferença regional do nome da flor *capitão-da-sala* para o narrador e *cavaleiro-da-sala* para Diadorim, e faz o comentário metalingüístico de como esta é chamada em sua terra:

¹² Simaruba: Gênero de plantas da família das Simarubáceas, cujas raízes e cascas, amargas, têm aplicação medicinal, também conhecida por marupá, paraíba, papiriúbas e mata-cachorro, no cerrado e na caatinga. (*simaouba amara Aull.*) (Rizzini & Mors, 1976)

¹³ Faveira: Árvore leguminosa conhecida em Minas Gerais como guapuruvu. (*Schizolobium parayba Vell.*) (Rizzini & Mors, 1976)

¹⁴ Tamboril: (Bras.) Árvore da família da Leguminosa, subfamília mimosácea. (*Eterolobium contortisiliguum Vell.*) (Rizzini & Mors, 1976)

¹⁵ Vinhático: (Bras.) Árvore da família das Leguminosas, subfamília mimosáceas. (*Plathyenia reticulata Beth*) (Rizzini & Mors, 1976)

¹⁶ Candeia: Paratudo nos cerrados (*Piptocarpha rotundifolia Baker*) (Rizzini & Mors, 1976)

E era bonito, no correr do baixo campo, as flores do capitão-da-sala – todas vermelhas e alaranjadas, rebrilhando estremecidas, de reflexo. – “É o cavaleiro-da-sala...” – Diadorim falou, entusiasmado. Mas o Alaripe, perto de nós, sacudiu a cabeça. – “Em minha terra, o nome dessa” – ele disse – “é dona-joana... Mas o leite dela é venenoso...” (p. 45)

A expansão resulta em uma definição da ordem de um discurso. Por isso, é denominada por Greimas, como já salientamos, definição discursiva. Bem próxima da expansão que pode ser encontrada no dicionário, neste tipo de definição, o autor apenas tira ou altera semas, produzindo um interpretante do código, homologado no discurso lexicográfico. São exemplos *olho-de-boi*, *mucunã*, vários vocábulos que contêm a palavra *pau* e o termo *palmeira-pindoba*: “No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo”. (p. 82)

Os termos *olho-de-boi* e *mucunã* acham-se em conjunção na definição discursiva porque têm o mesmo gênero próximo, pertencem a mesma classe de plantas: *trepadeiras*. Em relação ao primeiro termo, o gênero próximo está em ordem direta, vem depois dele; em relação ao segundo, há uma inversão: *trepadeiras* antecede *mucunã*. Quanto à diferenças específicas *flores vermelhas* para *olho-de-boi* e *roxas* para *mucunã* também há uma inversão, elas antecedem os termos aos quais se referem. Cabe ressaltar que o termo *mucunã* é especificado com mais uma diferença: produz um feijão bravo que se chama também mucunã. O termo *mucunã* que denomina a trepadeira e o seu produto é definido duas vezes, havendo uma justaposição de definições discursivas. Na definição de *mucunã* como produto, a equivalência é introduzida por uma oração adjetiva explicativa, *que é um feijão bravo*, que salienta a diferença específica *braveza*, característica dessa planta, e assim descrita no dicionário (Ferreira, 1975) “cujas vagens têm um revestimento piloso que causa prurido na pele de quem lhes toca”.

A denominação *pau-cardoso* apresenta o seu gênero próximo *árvore* posposto. As diferenças específicas levadas em consideração para a definição são as cores *verde* e *preto* e o *balanço dos ramos*, esta última presente na definição lexicográfica (Ferreira, 1975) mas sob outro plano de expressão “que alcança vários metros de altura e tem o caule cheio de reentrâncias, e cujas folhas, muito grandes e recortadas, se localizam no ápice caulinar, de sorte que a planta lembra palmeira”:

O que tinha de ser debaixo de um pau-cardoso¹⁷ – que na campina é verde e preto fortemente, e de ramos muito voantes, conforme o senhor sabe, como nenhuma outra árvore nomeada. (p. 317)

¹⁷ Outros exemplos em que o termo *pau* aparece na denominação: *pau-paraíba*, *sombroso*. (p. 233), *Pau-paraíba*: (Bras.) (*Simarouba Versicolor* S. Hil.) (Almeida, 1998); o *gonçalo*, o *pau-pombo*, a *folha-miúda* (p. 124), *Pau-pombo*: (Bras.) *Árvore* da família das Sapindáceas (Ferreira, 1975) *Tápiria guianensis* Aubl (Almeida, 1998).

No exemplo abaixo, a própria denominação contém o seu gênero próximo: “, entre as touças da sempreviva-serrã e lustro das folhagens de palmeira-pindoba”.¹⁸ (p. 392)

A definição pode conter apenas o gênero próximo:¹⁹ “Eu estava atrás duma árvore, uma almêcega”.²⁰ (p. 157)

O significado do termo pode ser recuperado a partir de outro termo do enunciado que pode ser um coletivo:

Atrás dum toro de pau ou moitas de andùzinho²¹ (p. 162)
 , por cima das moitas de lobolobo.²² (p. 271)

uma diferença específica:

e com florzinhas as dejaniras²³ (p. 24)
 , mas depois a tinta-dos-gentios²⁴ de flor belazul. (p. 385)

o próprio fruto:

E a quixabeira que dava quixabas.²⁵ (p. 385)

um termo que se refere à botânica popular:

– ou um ramo de rompe-gibão²⁶ que rolou arrancando a arma de meu pulso. (p. 374)
 , com uma vara de maria-preta²⁷ na mão – (p. 10)

um termo que se refere à sua utilidade:

eu bebia chá de jurema,²⁸ (p. 395)

¹⁸ Pindoba: (Bras.) Palmeira de belo porte, que compõe amplos palmeirais em certas regiões do Centro do Brasil e apresenta nozes muito duras, contendo algumas sementes, ricas em óleo utilizável. (Ferreira, 1975) Vegetação aberta do cerrado. Provavelmente *Attalea exigua* Drude. (Rizzini & Mors, 1976)

¹⁹ Outros exemplos em que a definição contém apenas o gênero próximo: com ela amarrou o bichinho num pé de assa-leitão. (p. 360), Assa-leitão: (Bras. M.G.) Certa árvore que fornece excelente madeira de lei (Ferreira, 1975); jericó, e os lírios todos. (p. 236), Jericó: (Bras.) Planta criptogâmica que ocorre na caatinga e pode secar completamente sem morrer (Ferreira, 1975); varamos um mato de lobeiras. (p. 421); Lobeiras: Diz-se de uma espécie de trigo rijo. (Ferreira, 1975)

²⁰ Almêcega: Resina de aroeira ou lentisco (Ferreira, 1975) (*Protium almecega* March). (Rizzini & Mors, 1976)

²¹ Andùzinho: (Bras.) Diminutivo de andu, (Minas Gerais) certa leguminosa do Norte do estado. (Ferreira, 1975)

²² Lobolobo: (Bras.) Planta da família das Violáceas. (Ferreira, 1975)

²³ Dejaniras: Gênero de plantas brasileiras da família Gencianáceas. (Prado, 1969)

²⁴ Tinta-dos-gentios: (Bot.) *V. Anil-trepador*. (Ferreira, 1975)

²⁵ Quixabeira: (Bras.) Árvore da família das Sapotáceas, muito freqüente na caatinga. (Ferreira, 1975). Alimento para gado. (*Bumelia sartorum* Mart.) (Rizzini & Mors, 1976)

²⁶ Rompe-gibão: (Bras.) Designação vulgar de diversas plantas providas de numerosos espinhos muito resistentes, comum nas caatingas, mais conhecida como quixabeira. (Ferreira, 1975)

²⁷ Maria-preta: (Bras.) Nome dado a várias plantas, pertencentes a diversas famílias, especialmente à das Borragináceas e à das Compostas, Noocitaiba. (Ferreira, 1975)

²⁸ Jurema: (Bras.) Árvore da família das Leguminosas. (Ferreira, 1975) (*Mimosa tenuiflora* Poiré) (Lorenzi, 1998) Alucinógeno.

Como a autonomia, as definições de termos de botânica, fundamentadas no saber comum, sedimentado no dicionário, produzem efeito de veridicção no texto rosiano.

Com a definição discursiva o autor compõe também paráfrases interpretativas da denominação ou definições discursivas contextuais. Essa definição, por ser subjetiva e criativa, limita-se a um contexto determinado. A relação que se estabelece, nesse caso, não é mais entre o termo e o saber sedimentado no dicionário – como na definição fundamentada no código –, mas entre o nome e o seu contexto. A denominação não representa um saber codificado, mas um saber individualizado do personagem, do narrador, do personagem-narrador.

Nesse tipo de definição, o termo não é decomposto considerando-se o seu gênero próximo e suas diferenças específicas determinadas pelo código. O autor atribui-lhe diferenças específicas que, em geral, incorporam-se à sua denominação:²⁹

, onde estas altas árvores – a caraíba-de-flor-roxa,³⁰ (p. 233)

A diferença específica pode também sintetizar uma imagem que se tem do termo:

, onde só faltava o buriti:³¹ palmeira alalã, (p. 385)

O trecho em que Riobaldo (p. 146) comenta o significado do nome da *flor do amor* é também exemplo de definição contextual. Essa flor branca, que parece um lírio, tem muitos nomes e a conclusão a que chega o personagem-narrador quando percebe que há respostas diferentes para a mesma pergunta: *que flor é essa qual sendo: casa-comigo*, para a namorada Otacília, *dorme-comigo*, para a linda moça Nhorinhá e *lirólíro*, quando a pergunta é feita por Diadorim a Otacília. As três denominações referindo-se a três tipos de pessoas, a namorada, a prostituta e ao amigo-jagunço, figurativizam na obra os diferentes discursos sobre o amor: o amor puro feito para o casamento, o amor pecaminoso fora do casamento e o amor travestido. Benedito Nunes (1983) interpreta essas figuras tão díspares que evocam respectivamente esses três tipos de amor: Otacília, o amor puro, espiritual, sagrado, ideal platônico, Nhorinhá, o sensual, carnal e Diadorim, figura andrógina ambivalente que oscila entre o divino e o diabólico, o ambíguo, o primitivo e o caótico.

²⁹ Outros exemplos: “ , nas galinhas-d’angola ciscando às carreiras no fedegoso-bravo, (p. 145), Fedegoso: (Bras.) Designação de vários arbustos ou árvores ao gênero *Cassia*, algumas medicinais, dotadas de flores amarelas, cujos frutos são vagens, às vezes recurvadas (Ferreira, 1975); E herva-curradeira. (p. 385), Curradeira: Planta (Ferreira, 1975); estava rente aos espinhos dum mandacaru-quadrado. (p. 397), Mandacaru: (Bras.) Planta da família das Cactáceas, freqüente no semi-árido (*Cereus jamacaru D.C.*) (Rizzini & Mors, 1976); entre as touças da sempreviva-serrã e lustro das folhagens de palmeira-pindoba. (p. 392), Sempre-viva: Planta da família das Compostas”. (Prado, 1969)

³⁰ Caraíba: (Bras.) Planta da família das Borragináceas e das Bignoniáceas no Nordeste. (Ferreira, 1975)

³¹ Buriti: Palmeira comum em beira de rios e em áreas úmidas. (*Mauritia flexuosa L.*) (Rizzini & Mors, 1976)

Por serem definições interpretativas, esses tipos de expansão são parciais, o que dificulta, muitas vezes, o estabelecimento da equivalência, exigindo um contexto mais amplo. Diferentemente, as paráfrases que explicitam o interpretante do código, instaurando um saber “enciclopédico”, podem prescindir do seu contexto. O texto onde predomina a definição discursiva contextual tende a ser mais fechado do que aquele em que há explicitação segundo o código. A presença do interpretante do contexto torna o discurso uma rede de significados solidários, onde os elementos se relacionam e explicitam um saber novo. Greimas (1966, p. 124) assim se expressa sobre esse saber de caráter idioletal:

Essa limitação do texto pelo esgotamento da informação lhe confere seu *caráter idioletal*: efetivamente, as denominações contidas no texto são determinadas pelas definições que estão presentes nele, e unicamente por elas, de tal modo que o texto constitui um microuniverso semântico fechado em si mesmo. Essa propriedade semântica do discurso torna legítimas as descrições parciais, estabelecendo uma espécie de equação entre os textos finitos e os universos significantes fechados. (grifo do autor)

As listas de palavras elaboradas por Guimarães Rosa, fruto de persistente e cuidadosa busca na bibliografia e registros feitos em viagem, exemplificada pelo Estudos para a obra 12 constituem-se em verdadeiros paradigmas da língua, modelos de denominar e definir espécimes vegetais. A partir dessa seleção de denominações e definições previstas no saber cultural da língua portuguesa, o autor por um ato de escolha as combina no sintagma, construindo enunciados que produzem novas definições e efeitos de sentido inusitado. Essas paráfrases criativas constroem subcódigos e são representativas de microuniversos poéticos. Na obra rosiana, elas auxiliam a composição de um universo singular porque definem o termo codificado conforme uma visão pessoal, inusitada, construindo um novo saber sobre o mundo.

Contrastando o emprego de termos da flora, no romance, com definições desses termos em dicionários, livros especializados em botânica, examinamos como alguns deles são transfigurados no discurso de Riobaldo, compondo o espaço subjetivo do sertão, esse sertão de difícil inteligência para Riobaldo.

No emprego dos termos da flora por Riobaldo, há: 1) traços de igualdade que, retomando as definições homologadas pelo dicionário, fundam, no discurso, o efeito de veridicção; 2) traços novos, filtros do olhar do sujeito enunciativo, que emprestam à flora um efeito poético. Há uma recriação da própria vida, permanecendo, porém, fiel à verdade essencial: o sertão.

Se por um lado os nomes dos vegetais representam a incorporação do discurso técnico-científico que tende a unissemia, caracterizando o sertão físico, por outro lado, há a passagem pelo filtro narrativo de Riobaldo que ressalta ou lhe atribui novos semas transformando o estado de coisa, da ordem do mundo natural, para o

estado de alma, da ordem do mundo passional. A tensão vivida por Riobaldo na busca da sobre-coisa é representada também por esse jogo entre elementos do saber comum e elementos interpretativos. É por meio desse jogo metalingüístico que o mundo natural se transforma em universo humano, criando o sertão de Riobaldo que é ao mesmo tempo geográfico e passional, realidade e mito. A ressemantização desses termos, que transforma o saber que é do outro, em estado de língua, em um saber de um personagem, em um discurso, compõe também a tensão por que passa o personagem ao querer entender a sobre-coisa. Nesse sentido, a própria metalíngua compõe e representa o estado de alma do personagem. Por esse mecanismo lingüístico de ressemantização, a flora não é a flora, mas a flora de Riobaldo e o sertão não é o sertão, é o sertão de Riobaldo, ou nas suas palavras, “o sertão é dentro da gente” (p. 356), e “o que existe é o homem humano”. (p. 460)

ABSTRACT

The *sertão* of Riobaldo is manifold. The feature chosen for analysis is flora. Contrasting the use of terms of flora in the novel with the definition of dictionaries and of books specialized in botany, we aim at examining their transfiguration in Riobaldo's speech. The hypothesis is that, in the use of terms of flora, there are: 1) features of equality which, on re-reading culturally formed definitions, found on that speech the effect of veracity; 2) new features, filters of the subject's viewpoint, which lend to flora a poetic effect.

Keywords: Dictionary; Transfiguration; Flora; *Sertão* (backlands); Poetic effect.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, S. P. *et al.* Cerrado: espécies e vegetais nativos. Planaltina: Embrapa, 1998.
- BARIANI, O. O dicionário do Brasil central: subsídios à filologia. São Paulo: Ática, 1983.
- CANDIDO, A. O sertão e o mundo. *Diálogo*, São Paulo, v. 8, p. 5-18, nov. 1957.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GREIMAS. A. J. *Semântica estrutural*: pesquisa de método. São Paulo: Cultrix/USP, 1966.
- GUIMARÃES, V. *Joãozito*: infância de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

- LEONEL, M. C. **Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto**. 1985. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da USP, São Paulo.
- LORENZI, H. **Árvores brasileiras**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1998.
- NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. de F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 144-169.
- REY-DEBOVE, J. **Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage**. Paris: Le Robert, 1978.
- RIZZINI, C. I.; MORS, W. B. **Botânica econômica brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1976.
- RÓNAI, P. **Rosiana: uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas** (1.º rascunho).
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.
- ROSA, J. G. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- SILVA, A. Prado e; CURADO, J. P.; TUPINAMBÁ, A. **Novo dicionário brasileiro melhoramentos**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ANEXOS

FLORA

O cerrado é uma mistura de campo e árvore.

"cerrado fino" e "cerradão"

Mata:

Jacarandá violeta (leguminosa);

cedro rosa,
peroba
brúna
cedro.

Perto de Januária: maniquobais.

Macaúba - muito comum na bacia do rio das Velhas. Encontra-se na mata. Seus côcos fornecem óleo de boa qualidade, empregados para o fabrico de sabões, sabonetes, para iluminação, e como lubrificantes.

Caetés - da mata; são do gênero
CANA (canóceas).

O campo:

O capim silvestre mais comum é o "capim redondo". Duro, o gado só o come quando, após a queimada, lança ôle as primeiras fôlhas, então suficientemente tenras.

Capim cabeludo (Paspalum barbatum).

pitangas
cajã
pê-de-perdiz (Croton campestris)

Página de estudos de Guimarães Rosa para a obra 12. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

FRUTOS E PLANTAS (Notas sobre algumas)

- AGUARÉ.
 GIAPÉ . (*Eichhornia aurea* Kth. , *Pontederia aquatica* Vell., *Pontederia aurea* Sw.)..... = water-hyacinth.
- ALECRIM..... = rosemary.
- ANGICO (VERMADLHO)..... (*Piptadenia rigida* Bth. , *Acacia angico* H.).
- ANIL TREPADOR..... (*Cissampelos* ~~*microcarpa*~~ *microcarpa* L.)... = sage
 bajado de caro (em Cuba).
- ARAÇÁ (DO CAMPO). (*Psidium aracá* , Rodd.).
- ARATICUM. (*Annona sphaerocarpa* Splitg.) ... = wild soursop.
- ARATICUM (CORTIÇA). (*Annona crassiflora* H.)... = negro-head.
- AROEIRA..... = pepper-tree.
- BELEDOERA (ou ORA-PRO-NÓBIS)..... = artillery plant, purpleane.
- BARBA-DE-PAU. (*Tillandsia usneoides*)... = barba de Ucar (em Puerto Rico).
- BONS-DIAS..... = common bindweed.
- CANUDO-DE-PIFO..... também se chama ruchuchu.
- ANGOLA (CAPIM). = african wonder grass (*Echinochloa polystachia* Hitchc
 = *Oplismenus ~~spontaneus~~
 spectabile* Kunth).
- MELOSO (CAPIM) = (*Nelinis minutiflora* Beauv.
Agrostis glutinosa Fischer
Panicum nelinis Trin.).... = bent-grass (dos Ingêleses).
 Tem as folhas viscosas, dando impressão de gordurosas.
- CAPIM GUINÉ. = xi guinea grass ; true guinea grass.
- PROVISÓRIO (CAPIM). (*Anoropogon rufus*)... = yamarú (yaraçú ?) em
 Puerto Rico.
- JAMAGUÁ (CAPIM).... É o mesmo PROVISÓRIO.
- CATINGA DE BIBE. (*Ageratum conyzoides* L.)... = cockspur (na Índia inglesa).
- CHIQUE-CHIQUE. (É um subarbusto)... = yellow lupin
 yellow lupin (em Flórida).
- CIDRINEIA..... = poloy (em Puerto Rico).
- CIPÓ CRUZ..... = traveller's joy na Jamaica.
 virgin's lower
- CIPÓ DE SÃO JOÃO orange bignonia.
- CORTICEIRA..... = cockspur coral tree (nos Estados Unidos).
- SUINA..... " " " " " "
- SUBAUEIRA..... " " " " " "
- COBALEIRA..... " " " " " "

Anotações de Guimarães Rosa, integrantes da correspondência do Autor com a tradutora de sua obra para o inglês, Harriet de Onis. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.